



IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL¹

DENOMINAÇÃO: Igreja de São Bento

LOGRADOURO: Av. General Osório

BAIRRO: Centro

CARACTERIZAÇÃO DO IMÓVEL

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO: Século XVII / XVIII

TIPOLOGIA PRIMITIVA: Arquitetura Religiosa

Localizado à Av. General Osório, antiga Rua Nova, o conjunto constituído pela Igreja e Mosteiro de São Bento foi edificado sob a invocação de Nossa Senhora do Monte Serrat. Segundo narra Irineu Pinto (1977), em Janeiro de 1595:

Fr. Damião da Fonseca, Presidente do Mosteiro de São Bento da cidade de Olinda, a mandado do Padre Geral de Portugal, vem a esta capitania para fundar um mosteiro de sua ordem. Aqui chegando, depois de examinar os diversos lugares da cidade, solicitou do Capitão-mor Feliciano Coelho o terreno junto ao sítio de um tal João Netto, por lhe parecer o mais conveniente para a fundação do mosteiro.

A doação do terreno, feita em nome de Sua Majestade, se deu através de carta datada de 21 de Janeiro de 1595, pela qual ficou estabelecido, a partir daí, um prazo de dois anos para que os padres dessem início às obras, sob pena da terra se tornar devoluta para dar-se a quem a aproveitasse. Essa cláusula não foi cumprida, provavelmente devido à indisponibilidade de recursos dos beneditinos. Contudo o governo manteve a doação, tendo inclusive, em 1599, solicitado ao abade de Olinda a vinda desses religiosos para aqui edificarem seu mosteiro, já que a Capitania, com a saída dos Jesuítas, ressentia a falta de missionários para os serviços de catequese.

Dá-se como 1600 a data do início das obras, entretanto o primórdio destas é marcado por uma série de incertezas e contradições, devido ao desaparecimento dos arquivos da ordem, quando da invasão holandesa. Assim sendo, alguns autores não as mencionam, enquanto outros a elas se referem e por muitas vezes de forma diferente.

Segundo José Leal “o terreno ocupado pela casa de Câmara Cadeia e Açougue, em

¹Conteúdo elaborado a partir das referências bibliográficas disponíveis no link *Acervo Patrimonial*.



1612, foi arrematado por Duarte Fernandes de Aragão que o transferiu por venda aos beneditinos para a construção do seu mosteiro”. (LEAL, 1965)

Em descrição da cidade feita pelo governador holandês Elias Herckman, consta que quando estes invadiram a Paraíba, em 1634, encontraram a igreja dos beneditinos em construção, com as paredes principais levantadas, mas ainda sem coberta. Os invasores se serviram dos seus paredões como baluarte, por se encontrar em posição estratégica.

Encerrado o período do domínio holandês, em 1654, os padres de São Bento retornaram à Paraíba, encontrando a igreja e o mosteiro inconclusos, tal como haviam deixado quando a capitania fora tomada. Teve início um longo período de obras, visando ora a recuperação do que estava edificado, ora a renovação dos edifícios, ficando registrada na documentação da congregação, que no triênio de 1718/1721, teve início a construção da nova igreja.

Estas obras transcorreram por muitos anos. Em 1740, ocorreu a benção da capela-mor, tendo sua primeira missa sido celebrada em 30 de Abril, numa Quinta-feira Santa (PINTO, 1977); entre 1743 e 1747, eram levantadas as paredes laterais da nave; em 1761 o frontispício foi concluído, conforme inscrição que lá se encontra e, ao findar o século XVIII, a igreja estava concluída, faltando o campanário do lado do Evangelho, nunca edificado.

A Igreja e o mosteiro constituíam um conjunto que apresentava harmonia e beleza, sendo aquela em estilo barroco, enquanto o mosteiro seguia as linhas das construções portuguesas no tempo do Brasil Colônia: pesado, sólido, imponente.

A Igreja não apresenta maiores riquezas à semelhança de outras existentes na cidade, contudo pode ser considerada como uma das mais belas da Paraíba, devido à pureza e racionalidade de suas proporções. Na sua fachada, ricamente trabalhada em pedra calcária, destaca-se o brasão de armas da Ordem de São Bento. Sua torre é encimada por uma cúpula em cantaria, sobre a qual se encontra um indicador dos ventos, constituído de uma lâmina de cobre com perfil de um leão que gira em torno de um cajado, marco tradicional das igrejas beneditinas. A galilé, apresentando à frente grades torneadas em madeira de lei, separa as portas do templo do alinhamento da rua. A nave, ampla e simples, faz bom uso da cantaria, não possuindo qualquer pintura artística em seu teto. Compõe-se ainda de uma suntuosa capela-mor, duas capelas laterais com altares, espaçoso coro, seis tribunas com balaústres e dois púlpitos em pedra.



Este conjunto já sofreu diversas reformas. Uma delas se verificou em 1912, quando era prior do Convento de São Bento, D. Gaspar Lefebvre. Nessa época o templo recebeu apenas alguns melhoramentos, ao contrário do mosteiro que foi bastante desfigurado, pois teve sua fachada principal e o interior modificados.

Mais tarde, tendo D. Gaspar se retirado da cidade, os mesmos ficaram abandonados, sendo adquiridos pela Arquidiocese na gestão de D. Adauto. O convento foi então alugado ao governo e passou a abrigar o Tesouro do Estado e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. A igreja permaneceu fechada até 1936, ocasião em que foi recuperada por ordem do Arcebispo D. Moisés Coelho, voltando a aí se celebrar cultos religiosos.

O mosteiro construído em forma de “L” e apresentando no centro um claustro, sofreu por volta da década de 1920, outra sensível modificação em sua fachada, sendo a reforma orientada pela Mitra Paraibana.

Em 1949, a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, aí já instalada e mantendo um pensionato denominado “Casa do Calvário”, criou um curso intensivo de serviço social o qual deu origem, posteriormente, a Escola de Serviço Social da Paraíba que nele se instalou. Por volta de 1953, este estava em parte ocupado com a residência de sacerdotes intitulada “Lar Sacerdotal” e pretendia o Arcebispo juntamente com o governo estadual fundar aí uma escola doméstica, fato não verificado.

O mosteiro, a partir de 1971, após ter permanecido fechado por algum tempo, abrigou por vários anos os Institutos Paraibanos de Educação (Unipê) até quando foram transferidos para seu próprio Campus, ao final daquela década. Estes ocuparam também a igreja que lhes serviu de biblioteca, tendo sido responsável pelas últimas grandes modificações efetuadas no mosteiro que acabaram por lhe descaracterizar totalmente e ainda pelo estado deplorável em que deixaram a igreja.

Ao longo dos anos, como vimos, o conjunto foi sendo desfigurado através da ação do tempo e pelo descaso dos que o utilizaram. Em meados da década de 1980, a igreja encontrava-se desativada e bastante danificada internamente, não possuindo nem mesmo a imagem da sua padroeira. Em 1988, teve início uma grande obra de restauração, por iniciativa da Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa e, em setembro de 1992, a Oficina-Escola de João Pessoa assumiu a obra, concluindo em setembro de 1995.



Desde então, a igreja retomou sua função religiosa, enquanto o mosteiro já abrigou diversos usos. Apesar de constituírem um conjunto, apenas a igreja encontra-se tombada, estando inscrita sob o nº 434 no Livro das Belas Artes do IPHAN, desde 10 de Janeiro de 1957. Isto porque o mosteiro àquela época já se achava tão alterado que segundo o órgão não justificava a sua inclusão. Assim, a proteção que o mesmo goza é por estar inserido nas poligonais de tombamento do Centro Histórico de João Pessoa, tanto do próprio IPHAN, quanto do IPHAEP.

